



RELIGIÃO E CRENÇAS NO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ

Marcelo Pires Dias (UFPA)
mpdias@ufpa.br

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
mariluci@ufpa.br

RESUMO: Este trabalho busca descrever e discutir a variação lexical a partir de dados do campo semântico religião e crenças que integra o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA). Esse atlas descreve e mapeia a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará. O campo semântico escolhido para análise é composto por questões que expressam a dimensão religiosa e as crenças dos informantes entrevistados na pesquisa. Neste estudo apresentaremos e discutiremos os resultados das seguintes cartas: L104 – diabo e L106 – feitiço. O AGQUINPA adotou como ponto de partida, para a obtenção dos dados, os pressupostos da Geografia Linguística, método da Dialectologia que instrumentaliza o tratamento e a descrição de dados linguísticos no âmbito sócio-espacial, considerando as dimensões diatópica, diassexual e diageracional. Os resultados apontam diferentes graus de concorrência entre as variantes identificadas, bem como evidenciam a presença de uso de apelidos para referência a formas consideradas tabu.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Crenças. Léxico. Geolinguística.

ABSTRACT: This paper describe and discuss the lexical variation based on data from the semantic field religion and beliefs of the Quilombola Geo-sociolinguistic Atlas of Northeastern Pará. This atlas describes and maps the linguistic variety of Afro-Brazilian Portuguese spoken in the remaining quilombo communities in the Northeast Mesoregion of Pará. The semantic field chosen for analysis is composed of questions that express the religious dimension and the beliefs of the interviewed informants in research. In this study we will present and discuss the results of the following maps: L104 - devil and L106 - spell. The atlas adopted as a starting point for obtaining the data, the assumptions of Linguistic Geography, a method of Dialectology that instrumentalizes the treatment and description of linguistic data in the socio-spatial scope, considering the diatopic, diassexual and diagerational dimensions. The results indicate different degrees of competition between the identified variants, as well as showing the use of nicknames to refer to forms considered taboo.

KEYWORDS: Religion. Beliefs. Lexicon. Geolinguistics.

Introdução

Entre os séculos XVI e XIX, um contingente formado por aproximadamente 4 milhões de negros foi apartado de suas terras e de seu povo, para embarcar em uma viagem sem retorno para a mais próspera colônia portuguesa, a brasileira. Separados por origem, língua, porte físico e função, os negros escravizados passaram a compor o mosaico populacional do Brasil, então formado por brancos, índios e mestiços. A necessidade premente de liberdade

fez com que muitos fugissem para longe dos castigos físicos, quando não, da própria morte, formando com outros, de igual condição cativa, os chamados quilombos, dos quais o mais famoso é o Quilombo dos Palmares.

Atualmente, a maioria desses quilombos encontra-se espalhada em estados como o Amapá, Pará, Maranhão, Minas Gerais e Bahia e, segundo os dados do Programa Brasil Quilombola (BRASIL, 2013), há, no Brasil, por volta de 3.000 comunidades quilombolas, das quais aproximadamente 523 estão situadas no Pará, distribuídas em 55 territórios, grande parte concentrada nas mesorregiões do Baixo Amazonas e Nordeste do Pará. Essa última abriga as localidades-alvo deste estudo.

A escravidão deixou marcas socioculturais e linguísticas importantes, o que pode ser confirmado pela culinária, pela musicalidade e pelos aportes lexicais distribuídos nos mais variados aspectos da vida cotidiana, como bem aponta Castro (2011, p. 2):

(...) são marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira e que transitam no âmbito da recreação (samba, capoeira, forró, lundu, maculelê), dos instrumentos musicais (berimbau, cuíca, agogô, timbau), da culinária (mocotó, moqueca, mungunzá, canjica), da religiosidade (candomblé, macumba, umbanda), das poéticas orais (os tutus dos acalantos, o tindolelê das cantigas de roda), das doenças (caxumba, tunga), da flora (dendê, maxixe, jiló, andu, moranga), da fauna (camundongo, minhoca, caçote, marimbondo), dos usos e costumes (cochilo, muamba, catimba), dos ornamentos (miçanga, balangandã), das vestes (tanga, sunga, canga), da habitação (cafofo, moquiço), da família (caçula, babá), do corpo humano (bunda, corcunda, banguela, capenga), dos objetos fabricados (caçamba, tipóia, moringa), das relações pessoais de carinho (xodó, denço, cafuné), dos insultos (sacana, xibungo, lelé), do mando (bamba, capanga), do comércio (quitanda, bufunfa, muamba, maracutaia).

Essas marcas lexicais fazem parte do nosso repertório lexical, de modo que grande parte dessas palavras de origem africana já se encontra nos dicionários, ainda que etimologicamente certos itens lexicais não possuam origem confirmada, apesar de serem presumidamente bantu (Cf. ANGENOT *et al*, 2016)

O presente trabalho, de cunho dialetal, trata do campo semântico religiões e crenças. Não estamos procurando africanias, embora elas apareçam no presente estudo, mas descrever

e discutir os resultados presentes nas cartas linguísticas L104 – diabo, e L106 – feitiço, destacando, entre outros aspectos, o uso de tabus linguísticos¹.

De acordo com Guérios (1979, p. 1):

(...) a palavra tabu pode ser traduzida por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida”. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo.

Portanto, alguns usos linguísticos podem ser considerados um tipo de tabu, em alguns casos, de âmbito universal e “remetem às palavras que, segundo crenças arraigadas em determinadas sociedades, são dotadas de algum poder sobrenatural e que se proferidas, podem evocar alguma desgraça”(Cf. BENKE, 2012, p. 45). Nesse caso, o uso de um sinônimo para a palavra “tabu” contribui para evitar os malefícios da palavra de “poder sobrenatural”.

É importante destacar que, segundo Coseriu (1982, p. 71 *apud* BENKE, 2012, p. 46), o tabu linguístico pode abranger outros aspectos sociais e morais: “(...) razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses ou indecentes”.

1. Atlas linguísticos em comunidades afro-brasileiras

Os estudos dialetológicos contam, atualmente, com um significativo número de atlas linguísticos produzidos no Brasil (Cf. DIAS, 2017; CARDOSO, 2010). Contamos com vários atlas regionais e, mais recentemente, com a publicação de resultados lexicais e fonéticos do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) (cf. CARDOSO *et al*, 2014). Por conta das dimensões das terras brasileiras, obviamente o ALIB não pôde incluir nos pontos de inquéritos comunidades tradicionais, como as comunidades afro-brasileiras, deixando essa tarefa para projetos específicos de pequeno e médio portes. Podemos citar pelo menos 5 estudos/atlas produzidos

¹ “Condicionado pelo receio de que algo ruim possa acontecer, o tabu suscita no indivíduo a necessidade, por exemplo, de evitar algumas ações, gestos e até mesmo a proferição de certas palavras. O tabu pode, portanto, estar relacionado a objetos, a lugares, a pessoas, a animais e também a nomes”. (BENKE, 2012, p. 42)

a partir de dados de comunidades afro-brasileiras ou que as levaram em conta no estabelecimento de pontos de inquérito.

O primeiro atlas linguístico produzido no Brasil, intitulado Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado na década de 60 do século XX, não previa a realização de coleta de dados em comunidades quilombolas, mas, ao final dos inquéritos e a partir da curiosidade acadêmica de algumas pesquisadoras, foi possível realizar a coleta de dados no município de Helvécia, pois havia um indício de que “os mais velhos falavam diferente”. Apesar da pequena quantidade de dados coletados, foi possível construir uma hipótese da existência de um falar crioulo na comunidade rural quilombola de Helvécia, observando-se o ponto de vista morfossintático.

Publicado em 1977, o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (ZAGARI *et al.*, 1977) mapeou 116 municípios e partiu da mesma metodologia utilizada no Atlas Prévio dos Falares Baianos. O EALMG inovou ao fazer o uso de gravadores e por incluir 3 localidades remanescentes de quilombo e uma localidade indígena entre seus pontos de inquérito, com o intuito de observar possíveis influências dessas comunidades no falar da região. Portanto, o referido atlas foi o pioneiro, no campo da geolinguística, a considerar os falares de comunidades tradicionais.

Outra iniciativa na área da geolinguística a considerar comunidades quilombolas foi o Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMPE), o primeiro atlas quilombola da região Nordeste do Brasil, produzido por Sá (2018). O atlas mapeou cinco comunidades que pertencem à microrregião do Moxotó nos municípios de Custódia (Buenos Aires), Inajá (Poço Dantas) e Sertânia (Riacho dos Porcos) e duas que pertencem ao Ipanema, nos municípios de Águas Belas (Quilombo) e Buíque (Mundo Novo). Nessas comunidades foram aplicados o QFF e o QSL, com 421 questões no total, abrangendo aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais que resultaram em 6 seis cartas fonéticas e 21 cartas semântico-lexicais.

Costa (2019), em sua tese de doutorado intitulada “Variação e territorialização linguísticas: um estudo geolinguístico pluridimensional da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas”, tratou da relação entre determinados usos de variantes e a territorialização linguística em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas (Abuí, Água Fria, Arapucu, Silêncio, Pacoval de Alenquer, Saracura e Tiningu). A autora

entrevistou 43 informantes no total, entre escolarizados e não escolarizados, mais jovens (18 a 30 anos) e mais velhos (acima de 50 anos), por meio da aplicação de questionários. A pesquisa demonstrou diferentes formas de variação que refletem no comportamento das variantes no espaço, que se integram aos “aspectos do modo de vida, organização social, concepções e convenções estabelecidas”, formando um referencial simbólico da territorialidade.

Entre os atlas que mapearam comunidades quilombolas, destacamos o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA), que é um atlas linguístico que resultou da tese de Dias (2017), sobre o qual nos debruçamos para a presente análise. Nele estão registrados dados lexicais de seis comunidades afro-brasileiras localizados no Nordeste Paraense.

O AGQUINPA foi elaborado entre 2013 e 2016 e buscou mapear a variedade do português brasileiro falado em seis comunidades remanescentes de quilombo situadas na mesorregião Nordeste do Pará, uma das regiões com o maior adensamento de comunidades no Pará. No total, foram entrevistados 24 falantes, distribuídos nas seis comunidades, a saber: 1) Cacau; 2) América; 3) Rio Acaraqui; 4) Taperinha; 5) África; e 6) Laranjituba,

Os dados lexicais mapeados no AGQUINPA e utilizados neste artigo têm origem na aplicação do Questionário Semântico-lexical (QSL), questionário oriundo do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e que possui 202 questões que visam à obtenção de variantes lexicais.

Para a seleção dos informantes, partiu-se dos seguintes critérios: ser filho de pai e mãe descendente de remanescentes de quilombolas, ter nascido na localidade, não ter se afastado por mais de 3 (três) anos, além de ter disponibilidade e tempo para as gravações.

2. Metodologia

Os dados utilizados neste artigo, como citado anteriormente, têm origem nas respostas dos falantes das seis comunidades mapeadas no AGQUINPA, a saber: a) Comunidade do Cacau (Colares/PA); b) Comunidade América (Bragança/PA); c) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); d) Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); e) Comunidade Laranjituba (Moju/PA) e f) Comunidade África (Moju/PA). As

comunidades são reconhecidas e possuem titulação da terra, além de possuírem forte identidade quilombola, o que pode ser demonstrado pelos seus costumes, modos de vida e na organização popular em prol dos direitos das comunidades remanescentes de quilombo.

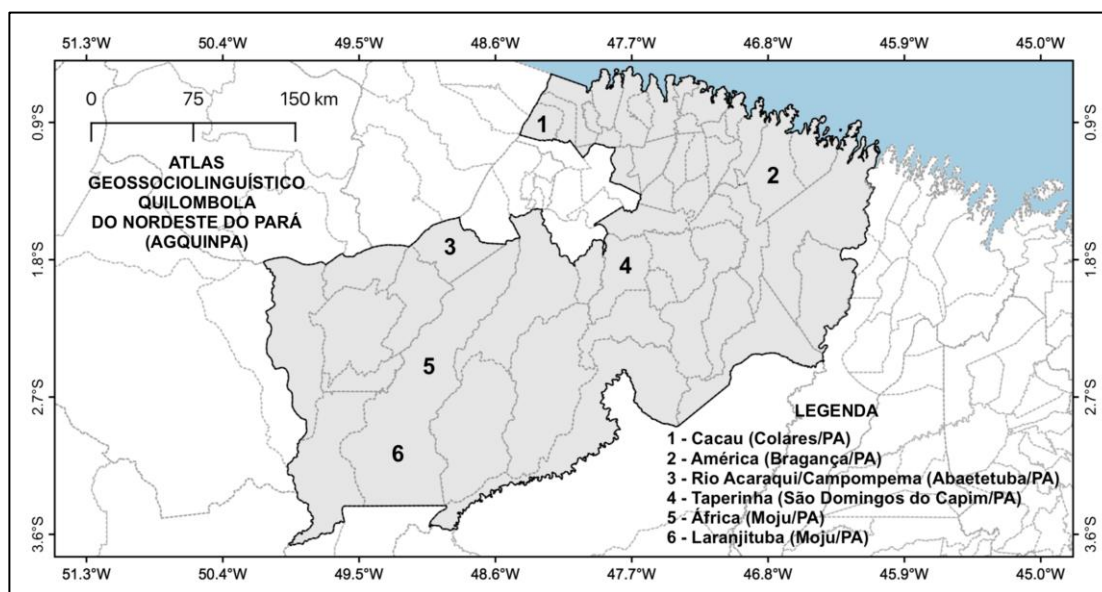
Os colaboradores seguem a estratificação social presente no AGQUINPA, ou seja, homens e mulheres, distribuídos nas faixas etárias de 18 a 30 e 50 a 65 anos. A escolaridade dos informantes não foi considerada, tendo em vista a dificuldade em se conseguir falantes escolarizados, especialmente entre os mais velhos (50 a 65 anos). A seguir podemos conferir o quadro contendo os dados das localidades e a estratificação social dos entrevistados e, na sequência, a carta base do AGQUINPA.

Quadro 1: estratificação dos colaboradores

LOCALIDADES		ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL	TOTAL DE ENTREVISTADOS
AGQUINPA	• Campompema/Rio Acaraqui	Homem de 18 a 30 anos	(4) por localidade (24) no total
	• Cacau	Homem de 50 a 65 anos	
	• América	Mulher de 18 a 30 anos	
	• África	Mulher de 50 a 65 anos	
	• Laranjituba		
	• Taperinha		

Fonte: Dias & Oliveira (2019), com adaptações.

Imagem 1: carta base do AGQUINPA.



Fonte: Dias & Oliveira (2019)

Essa carta serviu de base para mapeamento e distribuição das variantes identificadas no AGQUINPA. A seguir faremos a apresentação e descrição das cartas L104 – diabo e L106 – feitiço, considerando as dimensões diassexual e diageracional. A análise se voltará sobre os dados registrados nas referidas cartas.

3 Apresentação e discussão das cartas linguísticas

Das seis questões referentes ao campo semântico Religiões e Crenças, selecionamos duas cartas para discutir a variação, de modo que de cada carta listamos as variantes e o número de ocorrências, assim como as ocorrências registradas entre homens e mulheres e entre os mais jovens e mais velhos. Vejamos os resultados:

3.1 Deus está no céu e no inferno está... (Questão QSL 147/Carta L104)

A carta L104 é originária da pergunta “Deus está no céu e no inferno está...” e tem o item lexical diabo como uma das respostas esperadas². Como é possível observar na tabela a seguir, ocorreu o predomínio da variante *satanás*, com 11 ocorrências e, em segundo lugar, a variante *diabo* com sete ocorrências; *capeta* obteve duas ocorrências.

² Cabe notar que a pergunta já apresenta um teor cristão, pois tem na sua elaboração o caráter dicotômico de Deus no céu e o diabo no lugar que é contrário ao céu.



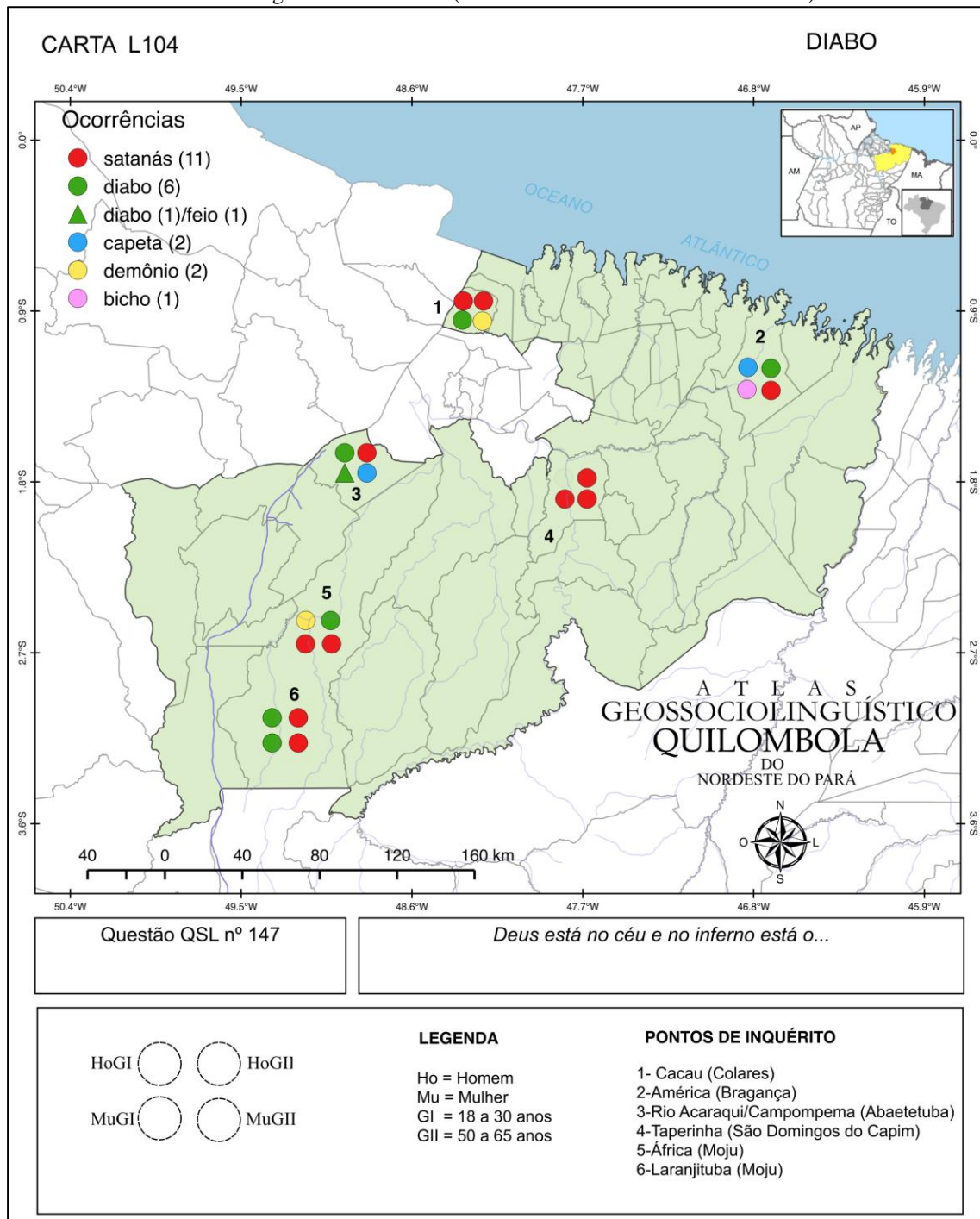
Tabela 1 – Respostas para a questão QSL nº 147 (Deus está no céu e no inferno está o...)

Variante	Nº de ocorrências	Homens	Mulheres	18 a 30 anos	50 a 65 anos
Satanás	11	5	6	3	8
Diabo	7	4	3	5	2
Capeta	2	1	1	1	1
Demônio	2	1	1	1	1
Bicho	1	-	1	1	-
Feio	1	-	1	1	-

Fonte: Dias (2017)

A variante *demônio* obteve duas ocorrências, enquanto *bicho* e *feio* apresentaram apenas uma ocorrência cada. Cabe notar também que *satanás* tem presença em todos os pontos, ou seja, além de ser a variante que apresenta mais alta frequência, é também a que se estende por toda a área pesquisada. Ela predomina nos pontos 1, 4 e 5. Já *diabo* ocorre em todos pontos, exceto no 4, onde o uso de *satanás* é categórico.

Imagem 2: carta L104 (Deus está no céu e no inferno está o...)



Fonte: Dias (2017)

Todas as comunidades investigadas são devotas do culto cristão, seja ele católico ou protestante. Três das respostas são facilmente encontradas na bíblia (*satanás*, *diabo*, *demônio*).

Trata-se de uma questão semântico-lexical geradora de muitas variantes. A variante *satanás*, comumente utilizada no discurso religioso, oriunda do étimo hebraico *satan* que possui as acepções de acusador, rival, inimigo, entre outras (Cf BEREZIN, 2003), é a mais usada. Já a variante *diabo* é oriunda do étimo grego *diabolos* (NASCENTES, 1955), popularmente utilizado para se referir à personificação do mal, sobretudo no cristianismo. A variante *demônio* tem origem no étimo *daimon*, que são seres retratados na mitologia grega e que representam e personificam a natureza humana.

Com duas ocorrências na Carta L104, a variante *capeta* é uma denominação popular de *satanás* e tem origem no processo sufixação da palavra *capa* + *eta*, ou seja, uma capa pequena. Essa forma está relacionada a representações antigas que se tinha sobre o *diabo*, ou seja, um ser que usava uma capa preta curta. Por ser um étimo tabu, denominar o ser que representa o mal como *capeta* é uma forma de evitar a pronúncia das formas *satanás* ou *diabo*, tal como se observa Costa (2016):

(...) muitos informantes se sentem desconfortáveis para proferir o nome diabo e parecem crer que a simples pronúncia do termo pode representar uma invocação ao espírito do mal ou uma reverência àquele que é considerado o anjo rebelde. Desse modo, não raro recorrem a metáforas ou eufemismos para responderem à pergunta 147 do QSL do Projeto ALiB.

Neste estudo, o tabu também é perceptível no uso das variantes *feio* e *bicho*, que figuraram como formas de se evitar falar o nome *diabo* ou *satanás*, o que explica o uso desses dois eufemismos. A variante *bicho* talvez seja uma forma usada por causa da imagem do *diabo* sempre relacionada a bicho tenebroso, como besta fera, dragão etc. O uso de *feio* deve estar relacionado à oposição ao divino, que é considerado belo. Os tabus identificados parecem ser formas que representam tabus do tipo próprio (GUÉRIOS, 1979), que se caracteriza pelo uso de uma forma linguística para substituir o nome de algo, alguém que tem poder sobrenatural. Assim, no sentido de evitar a atração de desgraças, infelicidade, usa-se um outro vocábulo para denominar, embora se conheça sua denominação. A distribuição dos tabus se dá apenas nos pontos 2 e 3.

Do ponto de vista diasssexual, as variantes consideradas tabu foram mais presentes entre as mulheres; as três variantes ocorreram entre elas, tendo ocorrido apenas *capeta* na fala de um homem da faixa etária 1. Talvez o medo de citar nome de seres que teriam poderes

sobrenaturais, no sentido de proteger de desgraças, infelicidades, possa justificar mais uso de tabus entre as mulheres. Elas são consideradas sujeitos que comumente protegem a família de poderes sobrenaturais por meio de rezas e orações, ou seja, usar um apelido poderia afastar possíveis maldições. Do ponto de vista diageracional, os falantes da faixa etária I usaram mais as formas tabu do que os da geração II. Talvez seja uma forma jocosa de se referir a *satanás*, mais leve. Mas, também, poderia revelar a falta de familiaridade com vocabulário mais usado na bíblia, como *diabo*, *satanás*.

3.2 O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?³ (Questão QSL nº 149/Carta L106)

A carta L106 teve as seguintes respostas para a pergunta “o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas”: *despacho*, com 10 ocorrências; *feitiço*, com 8 ocorrências; *macumba*, com 3 ocorrências, além de *descarga* e *encosto*⁴, com uma ocorrência cada. Predominou entre os informantes a variante *despacho*. Vejamos os números na tabela a seguir:

Tabela 2: Respostas para a questão QSL nº 149 (O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?)

Variante	Nº de ocorrências	Homens	Mulheres	18 a 30 anos	50 a 65 anos
Despacho	10	6	4	4	6
Feitiço	8	4	4	5	3

³ Recentemente, circulou nas redes sociais que os alimentos e bebidas colocados nas encruzilhadas era uma forma de os negros alimentarem escravos fugidos que, não tendo o que comer, procuravam esses espaços para buscar alimentos. Alguns pesquisadores se manifestaram sobre o tema e questionaram essa versão, já que isso levava a uma compreensão equivocada dos rituais dos cultos afro-brasileiros cf. <https://mamapress.wordpress.com/2017/06/15/a-encruzilhada-as-oferendas-e-a-estoria-pra-boi-dormir/>). A autoria da afirmação foi atribuída a um professor da UnB, Leandro Bulhões, e, dada as proporções que a discussão do tema tomou, o professor manifestou-se dizendo que não era autor do texto publicado, que se tratava de uma interpretação equivocada do que tinha mencionado durante uma banca de Trabalho de Conclusão de Curso. Também acrescentou que é possível que os alimentos, embora não fossem colocados nas encruzilhadas com esse fim, pudessem servir de alimentação a escravos, tal como acontece atualmente; muitos alimentos encontrados nas esquinas servem de comida a uma parcela da população brasileira que vive na miséria, nas ruas, como viviam negros fugidos (cf. <https://jornalggn.com.br/religiao/sobre-oferendas-e-encruzilhadas-por-leandro-bulhoes/>).

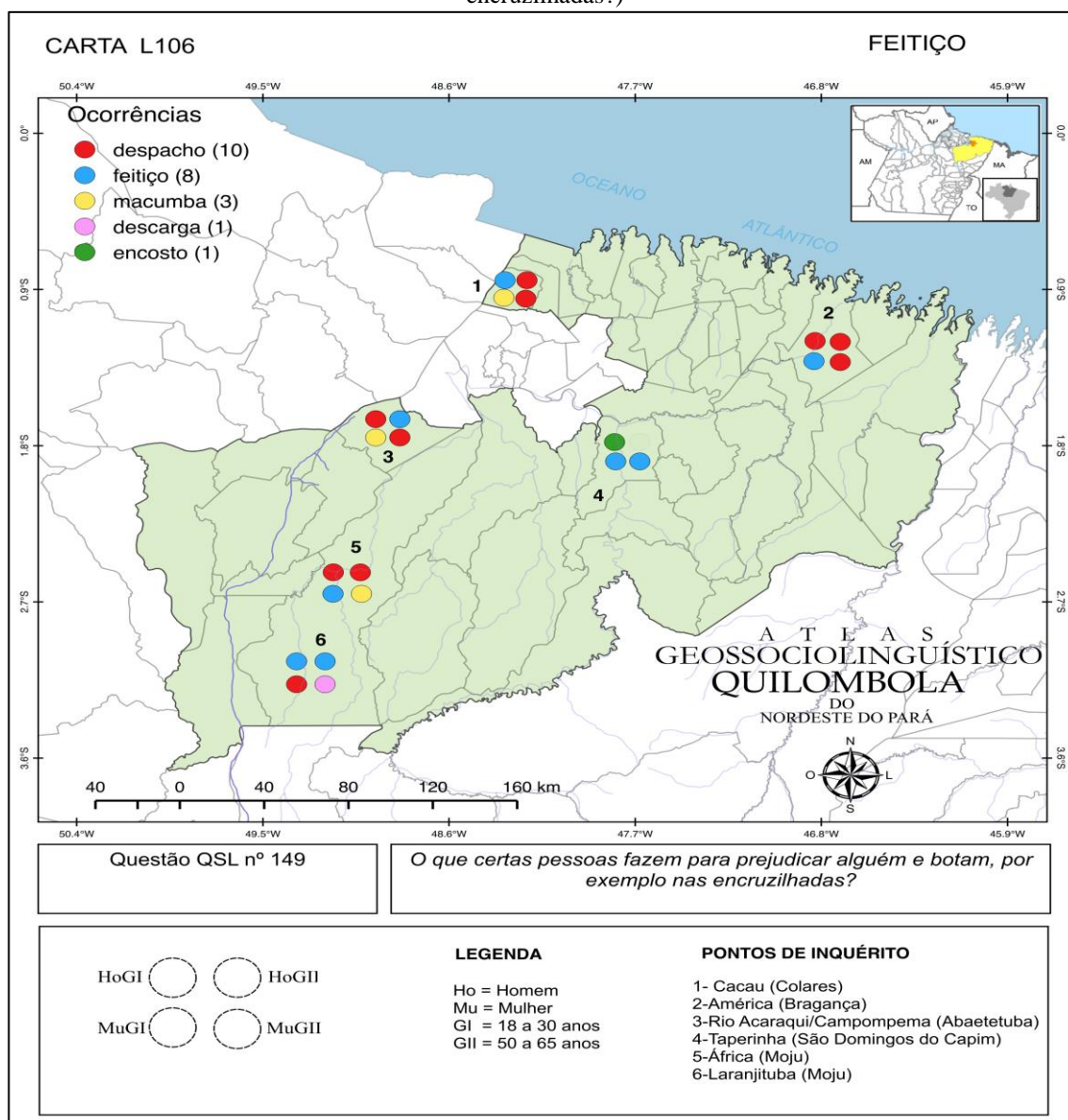
⁴ A variante *encosto* se refere a “um espírito ruim que acompanha e perturba alguém”, item lexical bastante utilizado no âmbito das igrejas neopentecostais. De acordo com Silva (2008), juntamente com os cultos de “Descarrego” surge, no bojo da IURD, uma nova nomenclatura formada por vários termos genéricos que aludem, sobretudo, a elementos fundamentais das religiões afro-brasileiras. O termo “encostos”, basilar dentro desta nova nomenclatura, engloba todos os Orixás, entidades afro-brasileiras e forças maléficas – considerados demônios - que, segundo a IURD, provocam malefícios e infortúnios às pessoas.

Macumba	3	-	3	2	1
Descarga	1	-	1	-	1
Encosto ⁵	1	1	-	1	-

Fonte: Dias (2017)

Segue o mapeamento das variantes encontradas de acordo com sua distribuição diatópica, diageracional e diassexual:

Imagem 4: Carta L106 (O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?)



Fonte: Dias (2017)

⁵ Na presente análise, não consideramos encosto, pois não a entendemos como variante como as demais. Na nossa percepção, o falante não entendeu bem a pergunta, pois referiu o que se põe na pessoa e não na encruzilhada.

Os resultados mostraram a predominância da variante *despacho* na área pesquisada. Ela ocorre nos pontos 1, 2, 3, 5, e 6 e predomina em 1, 2, 3 e 5. Já a variante *feitiço*, apesar de não ser a mais frequente, ocorre em todos os pontos e predomina nos pontos 4 e 6.

A variante *despacho* predomina entre os homens e entre os falantes mais velhos (50 a 65 anos). Entre as mulheres as variantes *despacho* e *feitiço* figuraram com a mesma quantidade de ocorrências (quatro para cada variante), já entre os mais jovens ocorreu o predomínio da variante *feitiço*.

Das cinco variantes, duas têm origem em religiões de matriz africana: *despacho* (oferenda feita a um orixá) e *macumba* (1. Nome dado aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais. 2. Oferenda colocada nas encruzilhadas) (cf. AULETE, 2011). Uma variante é muito utilizada enquanto outra apresenta baixa produtividade. *Macumba* aparece em dois pontos próximos, um localizado em Abaetetuba e outro em Moju (a distância entre esses municípios é de 30 km; há bastante trânsito entre eles). Mas Colares já se encontra mais distante de Abaetetuba, em média, 189 km. De toda forma, os resultados encontrados para as comunidades localizadas nesses três municípios são semelhantes: *despacho*, *feitiço* e *macumba*.

A variante *descarga* é a única que não apresenta dicionarização relacionada à pergunta inquirida no AGQUINPA, mas aparentemente possui uma aproximação ao termo “descarrego”, que tem origem nas religiões de matriz africana e que é bastante utilizado entre as igrejas neopentecostais, especialmente na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), nas “Sessões do Descarrego”, mas com outro tom. Por fim, temos a variante *feitiço*, de origem latina (*facticius*) e que possui o significado: “ algo não natural”. Trata-se de um étimo popularmente utilizado para se referir à ação ou ato de praticar feitiçarias (atos mágicos) (cf. AULETE, 2011), além de ser a resposta padrão esperada para a questão.

Curioso notar que, embora os falantes pertençam a comunidades afro-brasileiras, por já terem aderido ao culto cristão, não fazem nenhuma menção ou observação referente à parte da pergunta que diz: *O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém*, já que os feitiços, despachos não são realizados apenas para causar prejuízos às pessoas. Essa é uma versão cristã sobre os cultos das religiões afro-brasileiras que perdura até os dias de hoje e que é, inclusive, fortalecedora de preconceito contra os referidos cultos.

Do ponto de vista diassexual, cabe destacar que *macumba* e *descarga* só ocorrem entre mulheres. Os homens usam mais despacho que mulheres. No que se refere a *feitiço*, usam-no na mesma proporção.

A geração mais jovem prefere *feitiço*, ao passo que a mais velha usa mais despacho.

Considerações finais

Neste artigo, discutimos a variação geolinguística no campo semântico religiões e crenças a partir dos dados registrados nas cartas *diabo* (Carta L104) e *feitiço* (Carta L106). Elas integram o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA).

Os resultados da análise desse campo semântico em questão demonstraram que as escolhas lexicais dos falantes refletem um sistema de crenças que envolvem, em certa medida, tabus linguísticos, como na carta L104 (*diabo*), na qual as variantes *capeta*, *feito* e *bicho* predominam entre as mulheres e os mais jovens.

A carta L106 (*feitiço*) apresentou variantes comumente circunscritas a religiões de matriz africana, como *despacho* e *macumba*. Apesar de os moradores das comunidades quilombolas pesquisadas professarem, em sua maioria, a fé cristã, essas formas ainda estão em uso. Isso não demonstra a força de africanias nessas comunidades, mas, talvez, o fato de essas lexias já terem sido plenamente integradas à variante do PB falado nessa mesorregião. Destacamos o fato de os falantes não terem feito nenhuma menção à configuração preconceituosa da questão que gerou a carta L106, pois contraria as bases de religiões afro-brasileiras. Isso evidencia a força que os cultos cristãos assumiram nesses espaços. Além disso, tivemos as variantes *descarga* e *encosto*, étimos bastante utilizados entre as igrejas neopentecostais que possuem origem em cultos de religiões afro.

Com base no que foi discutido neste artigo, podemos salientar a importância do trabalho na área da geolinguística em comunidades de pertença tradicional, a exemplo das comunidades quilombolas, pois, a partir do léxico dessas comunidades, é possível mapear usos particulares de variantes, além de desvelar uma realidade linguística que, em muitos casos, passa despercebida na maioria dos estudos sobre o Português Brasileiro, que privilegia estudos de falares urbanos, o que dá um enfoque cada vez mais urbanocêntrico às pesquisas



no campo da linguística. Por outro lado, é preciso retomar os dados publicados nos Atlas Linguísticos, a fim de produzir uma análise mais vertical sobre eles.

Referências

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. São Paulo: Lexikon, 2011.

ANGENOT, Jean-Pierre; ANGENOT, Geralda de Lima; MANIACKY, Jacky. **Glossário de Bantuismos Brasileiros Presumidos**. Revista Eletrônica Língua Viva, no 2, p.1-250, 2013. Disponível em: <http://www.revistalinguaviva.unir.br> Acesso em 31 de maio de 2016.

BEREZIN, Rifka. **Dicionário Hebraico-português**. São Paulo: EDUSP, 2003.

BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BRASIL. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013-2015)**. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol.1. Londrina: EDUEL, 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no Português Brasileiro. In: **Africanias**, Salvador, vol 01, p. 1-7, 2011. Disponível em: <http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_1_2011/ac_01_castro.pdf> Acesso em 25 de mar. 2020.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem**. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSTA, Celiane Sousa. **Variação e territorialização linguística: um estudo geolinguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2019.



COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 2016. 199 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

DIAS, Marcelo Pires. **Atlas geossociolinguístico quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)**. 2017. 2 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2017. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10559>>. Acesso em: 16 de jan. de 2019.

DIAS, Marcelo Pires; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Inflorescência terminal da bananeira em dois Atlas Linguísticos brasileiros: um estudo comparativo. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, p. 01-14, 2019. Disponível em <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1642>> Acesso em 13 fev. 2020.

DIAS, I; ANDRADE, R. S. Distâncias e proximidades entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: a constituição social do sentido. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.8,n.1, p.129-147,dez/2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2011/02/8-10.pdf>> Acesso em 10 fev. 2020.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

MORAIS, Edson Elias de. **Religiosidade neopentecostal e o Consumo de Bens Simbólicos**. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

SÁ, E. J. de. Atlas Linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano (ALQUIMIPE). **Relatório de Pós-Doutorado**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2018.

SILVA, Janine Targino da. **De demônio a “encosto”, de ex-pai-de-santo a “ex-servo dos encostos”:** um estudo sobre a "Sessão Espiritual do Descarrego" da Igreja Universal do Reino de Deus. Monografia - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ZAGARI, M. R. *et al.* **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. v. 1.
Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de
Juiz de Fora, 1977.

Recebido Para Publicação em 29 de março de 2020.
Aprovado Para Publicação em 06 de agosto de 2020.